

A SEREIAZINHA E A METAMORFOSE TRANSFORMATIVA

Maria Antónia Jardim

Professora Auxiliar

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais - UFP

mjardim@ufp.pt

Trata-se de um contributo para se perceber como através da hermenêutica da narrativa uma auto-interpretação e uma auto-avaliação se tornam possíveis e desejáveis para quem é leitor e convidado a ser co-autor. Neste caso iremos focalizar a metamorfose transformativa como processo de desenvolvimento pessoal que se faz através do sentir e querer ser o Outro, mesmo que para isso a dádiva seja o Si mesmo.

Analisa-se o Conto como material psicopedagógico.

“ Devemos chamar as coisas pelos nomes. Se não nos atrevemos a isso na vida de todos os dias, podemos fazê-lo nas histórias”

Hans Christian Andersen

Neste belo e sublime conto de Andersen o Devir Ser Humano é a meta a atingir por uma beleza que não pertence à espécie. A ironia do Conto encontra-se no facto de a natureza humana ser posta à prova de fogo relativamente às aparências, que o importante não é o que parece, e no final o Humano falha ,pois não vai além dos sentidos, porque não vê com o coração.

À bela sereiazinha: “ Nada lhe dava mais alegria do que ouvir falar do mundo dos humanos” (Andersen, 2004, p.191) e aqui o leitor é levado a pensar no seu próprio mundo, como é de facto o mundo em que vive ? Como é o seu próprio mundo?

Começamos, pois , o processo de auto-avaliação e de auto-interpretação.

A seguir vejamos o desejo da personagem :

“ –Ah, se eu já tivesse quinze anos! –dizia ela.—Sei que vou amar muito o mundo lá de cima e as pessoas que nele trabalham e vivem.” (Andersen, 2004, p.197), que nos leva até ao campo dos sentimentos, do mais forte e nobre sentimento humano: O Amor. O seu discurso projecta um ser-e-estar no mundo que é um amor desinteressado e puro, apaixonado pela diferença e sem preconceitos. Ele alimenta a sua curiosidade e de tal modo que chega o dia em que ela própria vai provar esse amor altruísta.

Um navio naufraga e o belo príncipe está prestes a morrer:

“ Não, não podia morrer! Então, nadou para ele por entre as traves e os pedaços de madeira que rodopiavam o mar, esquecendo-se de que poderiam esmagá-la” (Andersen, 2004, p. 199). Até que ponto somos capazes de deixar de viver em nós para passarmos a viver no Outro ? Até que ponto é que cada um dos seres humanos está preparado para dar a sua vida por outro? O leitor mais uma vez é confrontado com questões de ordem ética e moral. Até que ponto o nosso Amor é altruísta ? Qual é a nossa humanidade?

A sereiazinha tem a capacidade de amar e fazer ressuscitar o “ Belo Adormecido” com um beijo: “ Era muito parecido com a estátua de mármore que tinha no seu jardimzinho. Beijou-o outra vez e fez votos para que vivesse.” (Andersen, 2004, p. 199). O outro assume maior importância que o eu próprio , talvez por isso não seja por acaso que o título do Conto de Andersen seja um diminutivo. Porém, neste diminutivo cresce e aumenta a sua capacidade de amar, aquilo que faz o ser humano, ser de facto, humano.

“ Cada vez amava mais os humanos e cada vez desejava mais ir ter com aqueles cujo mundo, parecia-lhe, era muito maior do que o dela” (Andersen, 2004, p.202).

É o desejo de ir ao encontro de, sem medo da diferença ou da escala desse mundo, dos valores desse mundo. Sem medo do desconhecido.

A nós leitores e co-autores do conto cabe-nos interrogar se temos medo do desconhecido e de mundos hipoteticamente diferentes do nosso. Porque é que quando falamos de mundos estranhos ou de estranhas criaturas as vemos sempre ou quase sempre como inferiores a nós ou nossas inimigas ? Será que é por acharmos que somos imortais ? Vivemos como se fossemos imortais mas, de facto, somos mortais, a não ser pela memória que deixamos e para isso dos “fracos não reza a História” como disse o poeta, ou de quem não deixa obra para lembrar...Também a sereiazinha nos obriga a interrogar a este respeito:

Porque não temos uma alma imortal?—perguntou a sereiazinha, muito desconsolada - Trocaria as centenas de anos que tenho para viver por ser humana nem que fosse por um dia e poder mais tarde entrar nesse mundo celestial! (Andersen, 2004, p.203).

Como é que o leitor vê o nosso mundo ? Será que ele é tão celestial assim? Em que medida é que há céu em nós ? Em que medida é que nós humanos não desejaríamos o oposto? Ser sereiazinha por um dia, viver trezentos anos e deixar esse mundo?!

Mas a água, que é o elemento rei das emoções, traz à sereiazinha o som do mundo do seu amado:

Deve ir andar de barco, ele, a quem amo mais do que pai e mãe , ele, de quem dependem os meus sentidos e em cujas mãos gostaria de depositar a felicidade da minha vida! (Andersen, 2004, p. 204).

É a confissão de amor da nossa personagem. Mais do que isso é confessar que o Outro é a pessoa mais importante da vida dela, que é a pessoa Outra que a vai realizar. E mais uma vez o leitor é levado a questionar-se sobre a importância das pessoas mais próximas da sua vida . A quem atribuiu maior importância e porquê ? Será que teremos, nós, humanos, preconceitos quanto a achar que o Outro pode ser a pessoa mais importante , visto que é a única que escolhemos realmente. Nem pai, nem mãe, nem filhos nós humanos escolhemos, mas o Outro, a pessoa Tu, essa é da nossa inteira responsabilidade. E a moral, como é que fica? Não é isso que nos ensinam na catequese e nas tradições familiares que vão passando de geração em geração. É algo que temos que descobrir por nós mesmos, tal como a sereiazinha. Percebe-se, então, que Andersen através da sua pequena grande personagem nos vai fazendo visitar os nossos valores, a nossa inteira história de vida.

Percebemos através da hermenêutica desta narrativa como é importante, não só seguir o destino das personagens mas também equacionar os próprios dilemas que vão sentindo e vivenciando no desenrolar da história.

E neste caso, o preço a pagar para adquirir a figura humana é muito alto para a nossa sereiazinha: deve doar a sua língua à bruxa do mar e perder a voz: “ Pois que assim seja!—disse a sereiazinha” (Andersen, 2004, p.208). Será, então pela sua figura, através do seu corpo esbelto e gracioso, expressivo, que a sereiazinha deverá conquistar o coração do príncipe. O dilema que aqui se põe é: um corpo sem voz, terá alma, estará animado ? O suficiente para um humano ? Expressivo o bastante para a “normalidade” dos seres humanos ? Ou será considerado deficiente, mudo ? Para a sereiazinha o dilema não se pôs: “ Oh, se soubesse que perdi a voz para estar sempre com ele!”(Andersen, 2004, p.209); o problema é que os humanos estão habituados às palavras, à fala e ao discurso que representa mundos e modos de sentir e o nosso príncipe não é uma excepção: “ menina muda” e “ querida enjeitada” são as fórmulas linguísticas carinhosas mas que não bastam para aceitar a sereiazinha como ela é, apesar de ela ter olhos que falam, ele não a percebe, não atinge esse tipo de linguagem.

E mais uma vez Andersen toca num ponto fulcral, que não é só o das minorias, os que são diferentes, mas sobretudo a questão da linguagem a que os humanos estão habituados. Até que ponto é que nós nos interessamos, mesmo agora, século XXI, pela linguagem dos outros, pela sua forma de expressão, seja o braille, a linguagem gestual...Quem é que nós achamos se deve aproximar? Os diferentes. E por que não nós?

Como é que nós nos desenvolvemos ? Com o olhar fixo nas aparências físicas ? Com o olhar fixo em imagens que não correspondem ao real mas aos nossos desejos mais íntimos?

Afinal , o príncipe acaba por casar com a princesa que não o salvou da morte mas que ele desejava que assim fosse:

Foste tu!- exclamou o príncipe.—Foste tu que me salvaste quando eu estava quase morto na praia!—E abraçou a noiva, que corou.—Oh, sou tão feliz! Disse para a sereiazinha.—O meu maior desejo, que nem me atrevia a formular, realizou-se. Sei que também te alegrarás, porque ninguém me é mais dedica do do que tu! (Andersen, 2004, p. 213)

O príncipe identifica um corpo com uma imagem que ele próprio idealiza. Por sua vez, esse corpo feminino e possuidor de voz “ corou” porque sabe que não é verdade o que o príncipe afirma mas também não abre a boca para o desmentir e finalmente o príncipe diz a maior verdade quando admite que ninguém lhe é mais dedicado do que a sereiazinha , todavia não compreendendo que isso é Amor.

Andersen dá-nos uma lição magistral sobre a diferença entre Amor e Paixão, entre sensualidade e enamoramento e convida-nos a reflectir sobre isso, no fundo sobre as escolhas mais preciosas da nossa vida como humanos. Atrai sobre nós o poder da verdade e da mentira que se revelam e encobrem pela Palavra. Sensibiliza-nos para a sedução do corpo e dos sentidos e finalmente questiona os nossos valores morais.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Andersen , H. C. (2004). *Contos*, Hans-Joachim Gelberg. Bérigamo, Círculo dos leitores.